

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE PROPOSIÇÕES E PRÁTICAS

Autor (1); **Thaís Oliveira Silva**

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – thaisoliveira727@gmail.com

Co-autor (2); **Romênia Menezes Paiva Chaves**

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – romeniamenezes2@hotmail.com

Resumo

As brincadeiras experimentadas por crianças no âmbito escolar, acordando com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) definem o brincar como um dos eixos estruturantes do currículo. O presente texto tem o objetivo caracterizar as brincadeiras, como atividades específicas das crianças, consideradas como sujeitos humanos com especificidades, como pessoas concretas, capazes de aprender e de se desenvolver, desde que em condições socioculturais propícias, de produzir cultura, principalmente por meio da ludicidade. O brincar consiste em uma das linguagens da criança, um dos modos como ela se relaciona com o mundo e compreende as coisas à sua volta e a si mesma, sendo, portanto, central em sua educação e seu desenvolvimento. Por meio da investigação qualitativa e da abordagem histórico-cultural de L. S. Vygotsky propomos o levantamento bibliográfico que busca analisar como a brincadeira é caracterizada nas teorizações e qual a sua importância para o desenvolvimento da criança.

Palavras-Chave: Brincadeiras. Educação Infantil. Desenvolvimento da Criança.

1 Introdução

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), a educação de crianças de zero a cinco anos constitui a primeira etapa da educação básica e tem a função de educar-cuidar das crianças, como também promover seu desenvolvimento integral em ação complementar à da família. Com função pedagógica, a Educação Infantil precisa ser organizada em práticas que se convertam em experiências com intencionalidade e sistematicidade para promover o desenvolvimento das crianças em todas as suas dimensões, respeitando suas especificidades, dentre as quais destaca-se a capacidade de produzir cultura, sobretudo por meio da brincadeira. Desse modo, as brincadeiras, junto com as interações, passam a ser eixo estruturante do currículo, o que nos possibilita inferir a relevância dessa atividade. Durante muitos anos, o brincar era visto pela ótica da não seriedade, futilidade e que não possuía fins educativos. Porém, com a revolução romântica, ocorre uma mudança nesse modo de pensar, mas que só foi possível graças à reformulação da concepção de criança e infância.

ⁱ A pesquisa teve origem a partir de um trabalho acadêmico curricular

De acordo com Kramer (2005), a infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. (KRAMER, 2005, p. 15). Entretanto, durante muitos anos as sociedades consideravam a criança como um adulto em miniatura, e/ou tábula rasa, porém, com a sociedade capitalista, houve uma ruptura desse pensamento, dando espaço a novas concepções, que definem a infância como uma categoria social e da história humana. A infância não é apenas um período que antecede a idade adulta. A criança é um sujeito histórico, social e que possuem direitos, ao desconsiderarmos essas singularidades da criança estamos omitindo uma de suas características, a infância.

É necessário que o brincar de fato esteja presente nas instituições de educação infantil, tendo em vista que essa atividade lúdica proporciona a criança as maiores aquisições. É através do brincar que ela produz cultura, como também é modificado por ela. Desse modo, consideramos essencial, entender o que os teóricos falam a respeito dessa atividade e a sua importância para o desenvolvimento das crianças, sabendo que o brincar não é uma atividade inata e inerente à criança.

Assim, tomando como pressuposto a concepção de criança e infância, analisamos alguns teóricos que falam sobre o brincar, como caracterizam essa atividade e qual a sua importância para o desenvolvimento da criança. Dentre os teóricos analisados podemos citar os da psicologia da educação Jean Piaget (1993) e L. S. Vygotsky(1998) e o da sociologia da educação, Gilles Brougère (2000).

2 Revisão de Literatura

Para a elaboração e construção do presente texto, foi necessário um aprofundamento nos estudos de alguns teóricos que falam a respeito do brincar, tais como Jean Piaget (1993), L. S. Vygotsky (1998) e Gilles Brougère (2000). Como também a contribuição de outros autores, que falam a respeito das obras dos autores citados anteriormente, tais como Carvalho (2005), Fontana (1997), Pinto (2005), Kisshimoto (2010) e o documento oficial das Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Primeiramente ao falarmos sobre o brincar se faz necessário analisar o que os documentos oficiais que regem a educação do nosso país dizem a respeito, pois é essencial para a construção de todo e qualquer trabalho. Sendo assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (2010), primeira etapa da educação básica, levanta questões a respeito da importância do brincar nas instituições da EI. No entanto, ao ser formulado os documentos oficiais, foi necessário considerar as especificidades da criança, no qual o brincar é uma delas. Passando a ser um eixo

norteador das práticas pedagógicas para garantir experiências a fim de que criança possa adquirir as maiores aquisições.

Apesar de trazermos alguns teóricos que falam sobre o brincar, o nosso posicionamento balizador para os resultados e discussões do presente trabalho está ancorado na abordagem histórico cultural que vê o brincar como uma atividade humana, produzido através das relações interpessoais dos sujeitos, ou seja, brincar não é uma atividade que nasce com o indivíduo. Ele brinca, pois está inserido numa cultura que brinca.

3 Resultados e Discussões

3.1 O brincar para Piaget, Vygotsky e Brougère:

O brincar ganha um papel de destaque no dizer dos pesquisadores a partir das novas concepções de criança e infância que acontecem na era moderna. Falar sobre brincadeira não era algo considerado sério e de relevância. Mas graças a essa mudança, podemos ter grandes contribuições a respeito dessa atividade infantil entre os teóricos Piaget, Vygotsky, e Brougère.

Para Piaget, ao falar sobre as brincadeiras, ele utiliza o termo jogo simbólico, assinalando, sem dúvida, que ele é o apogeu do jogo infantil. (PIAGET, 1993, p.51). Ou seja, é uma das ações simbólicas indicadoras e determinadas pela função simbólica – capacidade de pensar através de símbolos ou signos. (CARVALHO, 2005, p.2). O brincar das crianças tem uma função fundamental.

Piaget considera que a brincadeira não tem finalidade adaptativa, não provoca melhorias dos esquemas mentais. Sua importância para o desenvolvimento consiste no fato de possibilitar – pela aplicação de esquemas conhecidos a objetos “inacabados” – a transformação do significado dos objetos e a criação de símbolos lúdicos individuais. (FONTANA, 1997, p. 128)

Vygotsky, ao tratar sobre o brincar, utiliza o termo brinquedo. E é essa atividade que tem grande importância para o desenvolvimento das crianças. Pois é através do brincar que ele age numa esfera cognitiva. Apontando relações entre essa atividade com os processos psicológicos que são característicos do ser humano. Dessa forma, ao buscar compreender a relação entre esses processos psicológicos com o brincar, Vygotsky, aponta a situação imaginária como uma das características do brincar, entretanto, essa situação não tem como ser livre de regras. Segundo Vygotsky (1998), a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta (VYGOTSKY, 1998, p. 112). Toda situação imaginária possui regras embutidas.

Outra característica importante assinalada por Vygotsky, é a necessidade que a criança tem de agir sobre o mundo dos adultos, tratado de necessidades não realizáveis, mas, devido as suas

limitações físicas há uma impossibilidade. Dessa forma, o brincar surge para realizar esses desejos. É incorreto dizer que a criança ao entrar na situação imaginária, foge dos elementos das situações reais. É por meio do brincar que a criança age na zona de desenvolvimento proximal ou potencial, que consiste numa forma dela entender as situações reais, através do ato lúdico com a ajuda e/ou auxílio do outro, do imaginário, ou de um objeto, conseguindo adquirir aquisições que sozinha não seria possível.

Gilles Brougère, ao falar sobre o brincar, aponta que é impossível pensar nessa atividade como algo inato, a criança não nasce sabendo brincar. A brincadeira é uma atividade que está inserida numa cultura. É por meio do outro que a criança aprende e passa a brincar. O que é uma brincadeira senão a associação entre uma ação e uma ficção, ou seja o sentido dado a ação lúdica. (BROUGÈRE, 2010, p.14). Ao caracterizar essa atividade ele discorre sobre o desvio que a criança dá ao seu uso habitual, como também, o caráter livre e espontâneo, não podendo ser demarcada, pois tudo que passa a ser passivo de intencionalidade não pode ser chamado de brincadeira, mas sim trabalho ou estudo.

3.2 O que os teóricos falam sobre o brincar para o desenvolvimento das crianças:

Ancoradas na abordagem histórico-cultural, que não vê os sujeitos como algo pronto e acabado, mas que constantemente sofre mudanças, pois ele não está isolado dos fatores sociais, históricos e culturais do mundo. O brincar na abordagem histórico-cultural, de acordo com Pinto (2005), contrapõe-se particularmente, as que colocam a busca do prazer e a busca do auto-aperfeiçoamento cognitivo como forças motivadoras do brinquedo, que seriam tidas como suficientes para explicar o seu aparecimento e desenvolvimento. (PINTO, 2005, p. 56). O brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. É brincando que a criança se constitui como sujeito.

Jean Piaget (1993), ao tratar sobre essa singularidade infantil, atribui a essa atividade um papel de destaque, pois exerce uma função essencial na vida das crianças. No entanto, ele não considera o brincar como uma atividade principal, no qual a criança adquire as maiores aquisições.

Piaget, ao teorizar o brincar, o coloca segundo Kisshimoto (2010), dentro do conteúdo da inteligência e não na estrutura cognitiva.(KISSHIMOTO, 2010, p.36). No entanto, ele reconhece que essa atividade infantil deve ser um ato livre e espontâneo, que a criança possa ter a liberdade de escolha. Tudo que venha a lesar esses princípios da liberdade no ato lúdico deixa de ser chamada brincadeira.

Vygotsky (1998), também fala a respeito do brincar. No entanto, essa atividade tem maior relevância em suas teorizações, tendo em vista que a sua maior preocupação ao estudar o ser humano em sua totalidade, era compreender qual a relação do brinquedo com as funções psicológicas superiores, para que assim compreendesse o papel da linguagem nesse meio. Apesar de tanto Piaget, como Vygotsky serem sócio interacionistas, ou seja, que veem a influencia do social

sobre o ser humano, há uma divergência na relevância do papel do brincar nos estudos de ambos.

Vygotsky, ressalta que o brincar surge com a necessidade da criança de agir sobre o mundo do adulto. Dessa forma, através do brincar, ela consegue manipular objetos que devido suas limitações físicas a impedem. Ele reconhece a enorme influência da brincadeira no desenvolvimento das crianças, pois o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sobre forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTTSKY, 1998, p.112)

Gilles Brougère, um importante sociólogo da educação, também fala a respeito do brincar da criança. Contudo ele situa o jogo e a educação em campos distintos, sendo necessário distinguir os atos lúdicos, como também os espaços e os atos não lúdicos.

Para Brougère, o jogo é o resultado das relações interindividuais, portanto há uma grande influência da cultura para sua aprendizagem. A criança não nasce sabendo jogar, ela aprende jogando e essa aprendizagem se dá de modo informal, com a mãe, pai, irmãos, amigos e dentre outros.

Portanto, consideramos essencial trazer o dizer desses três teóricos a respeito do brincar para confrontarmos o que cada um tem a falar sobre essa especificidade infantil. Apesar de ambos terem apontamentos diferentes a respeito do brincar, podemos assinalar como pontos em comum a influência do social e da cultura. O brincar não é algo inato, que pertence ao ser desde o nascimento. É através das inter relações que as crianças tanto aprendem como também ensinam.

5 Conclusão

O brincar por ser uma atividade primordial, logo principal da criança, deve ser discutido nas instituições escolares, as suas contribuições para a criança. Indagar que o que mais a criança faz é brincar e simplesmente desconsiderar a importância dessa atividade para o seu desenvolvimento, deve acabar. É preciso não só compreender a brincadeira como uma atividade primordial, para que a criança adquira as maiores aquisições, mas de fato torná-la presente no cotidiano escolar, como uma atividade livre e espontânea.

Consideramos que as práticas pedagógicas devem dar o papel de destaque que o brincar merece nos centros de educação infantil. Ao compreendermos a criança como um sujeito de direitos, e ao mesmo tempo não proporcionar momentos com atividade lúdicas, está ferindo um dos seus direitos. A brincadeira não é uma atividade nefasta, ela é coisa séria.

6 Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura** / Gilles Brougère; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. – 8. Ed. – São Paulo; Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; V.20).

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade**. In BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC, SEB, 2005.

LOPES, Denise Maria de Carvalho. A brincadeira e o movimento na perspectiva da psicologia e da educação física. In: _____. **Atividades físicas e recreativas: o lúdico**. IV CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU À DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL. UNIDADE DIDÁTICA 10. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CENTRO DE EDUCAÇÃO. SETOR DE ENSINO À DISTÂNCIA. 2005.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

ROCHA Maria Silva Pinto de Moura Librandi da. **Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional** / Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi da Rocha – 2 . ed. Ver. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 200 p. – (Coleção fronteiras da educação)

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.